

O TRABALHO DO PSICÓLOGO EM GRUPOS DE SAÚDE MENTAL NO CAPS

Autor: BAIROS, Carlos Alberto

Resumo

O artigo apresenta reflexões sobre as questões relacionadas ao trabalho do psicólogo no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Aponta-se aspectos ligados a ACP (Abordagem Centrada na Pessoa) que estão relacionadas as pessoas que passam pelo grupo de Saúde Mental que estão inseridas na instituição CAPS. Além disso, apresenta índices de como se encontra a saúde mental dos brasileiros e como o psicólogo pode estar trabalhando com essas pessoas. Onde a saúde mental é um termo usado para descrever a qualidade de vida cognitiva ou emocional.

Palavras chave: Psicólogo, Saúde Mental, CAPS, ACP.

1 INTRODUÇÃO

O serviço do psicólogo no CAPS juntamente com o Grupo de Saúde Mental a partir da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Conseqüentemente a isso precisa-se entender conceitos que fazem-se presentes no artigo, como Saúde Mental, ACP, CAPS, Grupos na abordagem e a busca de estudos e pesquisas desenvolvidas sobre o assunto no Brasil e a nível mundial, respectivamente, e por fim, entender o trabalho do psicólogo.

O modelo de atendimento em saúde mental vem passando por transformações em sua estrutura e ideologias, as quais têm sido embasadas, principalmente na reforma psiquiátrica e essa mudança de política de saúde nacional propõe à desinstitucionalização de pacientes com sofrimento psíquico, sendo um dos principais marcos brasileiros deste movimento o Projeto de Lei do deputado Paulo Delgado (PT/MG), do ano de 1989, que

propõe a regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no país (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005).

2 DESENVOLVIMENTO

Os serviços de saúde mental precisam oferecer cuidados para identificar e aliviar a sobrecarga dos cuidadores além de promover treinamento de habilidades que estimulem a autonomia e reabilitação psicossocial dos doentes mentais.

Percebe-se assim que no Brasil tem-se como ideal o atendimento ao portador de transtorno psíquico realizado prioritariamente no serviço de atenção básica, o que leva a refletir sobre a importância deste serviço na saúde pública. Como se sabe a demanda de atendimentos em saúde mental é grande – cerca de 10 a 12% da população necessita de cuidados em saúde mental e em torno de 3% da população necessita de cuidados contínuos nesta área, sendo esse serviço prioritário para assistir estes pacientes fica a dúvida se está suficientemente desenvolvido de forma a alcançar o atendimentos pleno e satisfatório dessa população (LIMA, SICILIANI, DREHMER, 2012).

No cenário atual do campo da saúde mental brasileira, é preciso investir e ampliar os espaços de reflexão e de invenção de práticas que contemplem o cuidado dos sujeitos em sofrimento psíquico, no cotidiano dos serviços, potencializando a constituição da rede de atenção psicossocial.

2.1 GRUPOS NA ACP

Devido a questões não estruturadas dos grupos, o maior problema acaba se tornando é a maneira como vão passar o tempo juntos [...] frequentemente, existem, a princípio, surpresa, ansiedade e irritação sobretudo devidas à falta de estrutura e somente aos poucos se torna evidente que o objetivo principal de quase todo membro é caminhos para a relação com os outros membros do grupo e consigo próprio (ROGERS, p.10).

Depois, à medida que, gradualmente, por tentativas e timidamente, exploram os sentimentos e atitudes de uns para com os outros e para consigo próprios, torna-se cada vez mais evidente que o que mostraram a princípio eram fachadas, máscaras [...] pouco a pouco, e a pessoa que até então esteve isolada dos outros mostra um pouco dos seus verdadeiros sentidos reais [...] assim, uma das evoluções mais frequentes é o sentimento de confiança, que começa lentamente a construir-se, e também um sentimento de calor humano e simpatia pelos outros membros do grupo (ROGERS, p. 10).

2.2 CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

A estrutura do CAPS-I é formada e tem estrutura para atendimento em municípios entre população de 20.000 a 70.000 habitantes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Podemos apontar a aprovação da Lei nº 10.216 da Reforma Psiquiátrica, a publicação da Portaria nº 336/02 e da Portaria nº 189/02 - que atualizam a Portaria nº 224/92 e incorporam os avanços ocorridos na condução dos equipamentos substitutivos - a realização da III Conferência Nacional de Saúde Mental, que, entre outras coisas, consolidou o novo modelo assistencial dos CAPS e, finalmente, a experiência acumulada nos mais de dez anos de existência desses serviços como fatores decisivos na história recente para um substancial incremento dos CAPS no Brasil e para a relativização do papel (ainda) hegemônico dos hospitais psiquiátricos na atenção em saúde mental (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

2.3 A SAÚDE MENTAL

Saúde e saúde mental têm conceitos complexos e historicamente influenciados por contextos sócio-políticos e pela evolução de práticas em saúde. Os dois últimos séculos têm visto a ascensão de um discurso hegemônico que define esses termos como específicos do campo da medicina. Entretanto, com a consolidação de um cuidado em saúde

multidisciplinar, diferentes áreas de conhecimento têm, gradualmente, incorporado tais conceitos (GAINO, et al., 2018).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1946: "A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade". Essa definição, de 1946, foi inovadora e ambiciosa, pois, em vez de oferecer um conceito inapropriado de saúde, expandiu a noção incluindo aspectos físicos, mentais e sociais (GAINO, et al., 2018).

Vivemos e pensamos, há séculos, limitados e dirigidos pelo paradigma da Doença, a Saúde apresenta-se como uma categoria vaga, genérica, abstrata, geralmente definida enquanto um estado negativo: o de ausência de patologias (ÁVILA, 2003). No entanto, a Saúde não é apenas ausência de doenças, é muito mais do que isso, se tomarmos a definição proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS), veremos que uma totalidade utópica e estatisticamente rara é preconizada por este órgão: "Saúde é o estado de completo bem-estar, físico, psicológico e social" (ÁVILA, 2003).

2.4 ESTUDOS SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS BRASILEIROS

Pesquisas comprovam que os transtornos atingem cerca de 23 milhões de brasileiros no ano de 2013, sendo ao menos 5 milhões em níveis moderado a grave, de acordo com o órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), entre 75% e 85% das pessoas que tem esse sofrimento não têm acesso a tratamento adequado (WALBERT, 2013).

Em estudos realizados mais recentemente, o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas: 9,3% da população, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e, não para por aí, novos dados mostram que 86% dos brasileiros sofrem com algum transtorno mental, como ansiedade e depressão (PASSOS, 2019).

Outro levantamento feito pela Vittude, plataforma on-line voltada para a saúde mental, aponta que 37% das pessoas estão com stress extremamente severo, enquanto 59% se encontram em estado extremamente severo de

depressão e a ansiedade extremamente severa atinge níveis ainda mais altos: 63% (PASSOS, 2019).

2.5 GRUPOS DE SAÚDE MENTAL NO CAPS

No grupo terapêutico é dada ênfase as trocas de experiência, ao diálogo com os demais membros, e as mudanças que isso gera tanto na vida pessoal do paciente como os benefícios desenvolvidos no grupo. É através do convívio entre os participantes que surgem os debates acerca das práticas do cuidado, e é nesses encontros que os meios para a resolução dos problemas coletivos acontecem, buscando alternativas e apoio emocional para sua superação (CARDOSO, SEMINOTTI, 2006).

O vínculo permite o compartilhamento de saberes e vivências entre equipe e usuário, ampliando as potencialidades dessas pessoas. Permite o desenvolvimento de corresponsabilização do projeto terapêutico, para que esse projeto não seja desenvolvido de forma única e absoluta pelo profissional, nem movido apenas pelas vontades e anseios dos usuários. O vínculo entre as partes também é importante, na qual os usuários assim como a equipe devem buscar e acreditar na resolução do problema. Estimular o usuário é importante para que o tratamento não obtenha uma modulação maternal, o indivíduo deve acreditar na corresponsabilização da sua terapêutica, a auto-capacidade de resolução dos problemas torna o ser humano mais forte e garante a qualidade e persistência do tratamento (CAMPOS, CAMPOS, 2007).

Os grupos com usuários de saúde mental concebem uma ferramenta importante de ressocialização e inserção social, na medida em que é proposto no processo de trabalho, o agir e o pensar coletivos, analisados por uma lógica própria ao paradigma psicossocial que é respeitar a diversidade, a subjetividade e a capacidade de cada sujeito.

2.6 O TRABALHO DA PSICOLOGIA NO GRUPO

Os grupos permitem uma importante troca de diálogos e experiências, que possibilita melhorias no modo de viver e de socializar-se com os demais. A partir do momento que o paciente compreende sua subjetividade automaticamente sua auto-imagem muda, permitindo uma nova modelagem dentro do tratamento, resultando positivamente nas suas relações interpessoais.

Destaca-se na dinâmica grupal o coordenador (psicólogo), cuja função é facilitar o vínculo e a autonomia do grupo na realização da tarefa, numa dinâmica triangular, que envolve o grupo, o facilitador e a tarefa (RIVIÈRE, 2009). Outro elemento importante na dinâmica grupal são os papéis que, assumidos por qualquer participante, merecem ser considerados como informando sobre o que se passa no grupo a partir de comportamentos, sentimentos, pensamentos e até silêncios (RIVIÈRE, 2009).

No que diz respeito à situação de poder do coordenador, Moreno chega a declarar que este "não deve exercer seu prestígio de experimentador mais que qualquer outro membro do grupo" (MORENO, 1972, p. 67). Diante disso, a postura autoritária do líder (psicólogo) só pode ocorrer se a compreensão da proposta moreniana for inadequada, pois a direção só adquire sentido se estiver em consonância com o movimento grupal. Em outras palavras, o líder (psicólogo) dirige guiado pela direção do próprio grupo, ou seja, o verdadeiro líder é, de fato, o grupo.

O psicólogo deve ter um papel ativo. Que facilita, tanto a equipe técnica, como o grupo de pacientes, a perceberem as implicações emocionais envolvidas em todas as fases da vida. Metaforicamente diria que exerce a função do maestro de uma orquestra sinfônica, que não toca nenhum instrumento, mas é habilitado em todos (RUFATTO, 2004).

3 CONCLUSÃO

Então, faz parte das atividades desenvolvidas no CAPS, a psicoterapia de grupo, pois permitem o contato do usuário a diferentes práticas que explorem sua criatividade, possibilidades e habilidades. São comumente

conhecidas como oficinas e dentro delas são trabalhadas diversas dimensões humanas que caracterizam parte do tratamento não medicamentoso.

Ao longo da vida, as pessoas irão precisar de cuidados de saúde mental. Mas se depender do atual ritmo de investimento no setor, muitos desses indivíduos não terão acesso aos serviços e profissionais de que precisam.

Então, acredita-se que o desenvolvimento desse trabalho, trouxe reflexões sobre as questões relacionadas ao serviço do psicólogo no CAPS com o Grupo de Saúde Mental e a sua importância, enfatizando a abordagem humanista de Carl Rogers e enaltecendo além disso, estudos relacionados a saúde mental dos brasileiros que por sua vez, necessita de estudos mais abrangentes e aprofundamentos, pois os índices e a porcentagem de pessoas que está em sofrimento e/ou transtorno está crescendo gradativamente no país, como referencia o presente artigo.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Lazslo Antonio. Saúde mental: uma questão de vínculos. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702003000100010> Acesso em: 11 set. 2019.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza; CAMPOS, Rosana T. Onocko. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. Tratado de Saúde Coletiva, São Paulo: Hucitec, 2007.

CARDOSO, Cassandra; SEMINOTTI, Nedio. O grupo psicoterapêutico no CAPS. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.11, n. 3, p. 775-83, jul./set. 2006. Disponível em: < <https://www.scielosp.org/pdf/csc/v11n3/30992.pdf>> . Acesso em: 19 set. 2019.

GAINO, Loraine Vivian; SOUZA, Jacqueline de; CIRINEU, Cleber Tiago; TULIMOSKY, Talissa Daniele. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo. Ribeirão Preto; São Paulo, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000200007> Acesso em: 11 set. 2019.

LIMA, Franciane Gonçalves; SICILIANI, Camilia Casimiro; Luciana Balestrin Redivo. O perfil atual da saúde mental na atenção primária brasileira. Porto Alegre; Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/revista_ESCS_v23_n2_a05_perfil_atual_saude_mental_atencao.pdf> Acesso em: 12 set. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Portaria Nº336. Brasília (DF); 2002. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html> Acesso em: 09 set. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília (DF); 2005. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf> Acesso em: 12 set. 2019.

MORENO, Jacob Levy. Fundamentos dela sociometria. Buenos Aires, Argentina; 1972.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO). 1946. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswwho.html>> Acesso em: 11 set. 2019.

PASSOS, Letícia. Pesquisa mostra que 86% dos brasileiros têm algum transtorno mental. VEJA, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/pesquisa-indica-que-86-dos-brasileiros-tem-algum-transtorno-mental/>> Acesso em: 10 set. 2019.

RIVIÈRE, Enrique Pichon. O processo grupal (8ª Ed.); São Paulo, 2009.

ROGERS, Carl Ransom. Grupos de encontro. São Paulo, p. 10, 2002. Disponível em: <<https://professorsauloalmeida.files.wordpress.com/2015/10/253440183-carl-rogers-grupos-de-encontro-jpg50.pdf>> Acesso em: 12 set. 2019.

RUFATTO, Amaury Tadeu. Um facilitador, (do), (no), (o) grupo. São Paulo, vínculo v.1, n. 1, dez. 2004. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902004000100011> Acesso em: 19 set. 2019.

WALBERT, Allan. Saúde mental: transtornos atingem cerca de 23 milhões de brasileiros. Portal EBC. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2013/05/saude-mental-em-numeros-cerca-de-23-milhoes-de-brasileiros-passam-por>> Acesso em: 10 set. 2019.

Sobre o(s) autor(es)
Carlos Alberto de Bairos
Psicólogo
CRP12/19430
E-MAIL: carlos.bairos@hotmail.com